

O DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOCENTE EM EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE BIOLOGIA: REVISÃO DA LITERATURA SOBRE PRÁTICAS COLABORATIVAS

PROFESSIONAL DEVELOPMENT OF TEACHERS IN SEX EDUCATION IN BIOLOGY CLASSES: LITERATURE REVIEW ON COLLABORATIVE PRACTICES

EL DESARROLLO PROFESIONAL DOCENTE EN EDUCACIÓN SEXUAL EN LA ENSEÑANZA DE LA BIOLOGÍA: REVISIÓN DE LA LITERATURA SOBRE PRÁCTICAS COLABORATIVAS

Naiara de Oliveira Rosa¹
Maria do Rosário Moura Pinheiro²

RESUMO: A educação sexual constitui um componente essencial da formação humana. Embora prevista nas políticas públicas brasileiras, sua implementação na educação básica ainda é limitada, marcada por fragilidades na formação docente e pela predominância de abordagens biologizantes, especialmente no ensino de Biologia. Este estudo analisa as contribuições de práticas colaborativas entre professores para a integração de perspectivas socioculturais na educação sexual, buscando compreender seus efeitos no desenvolvimento profissional docente. Trata-se de um recorte teórico de uma pesquisa de doutorado em andamento, fundamentado em uma revisão bibliográfica de 12 estudos publicados entre 2020 e 2025. A seleção contemplou produções que discutem a educação sexual no ensino de Biologia e experiências formativas pautadas em princípios colaborativos. Os resultados indicam que a colaboração docente favorece a ampliação dos saberes profissionais, a construção de práticas mais dialógicas, críticas e inclusivas. Entretanto, barreiras institucionais, limitações curriculares e inseguranças profissionais dificultam a consolidação dessas práticas. Observa-se, ainda, a escassez de estudos que abordem de forma sistemática a colaboração entre professores de Biologia no tratamento da educação sexual, evidenciando fragilidades no campo. Conclui-se que práticas colaborativas constituem um caminho promissor para superar enfoques reducionistas e promover uma compreensão ampliada da educação sexual, integrando dimensões biológicas, psicológicas e socioculturais.

Palavras-chave: Educação Sexual. Ensino de Biologia. Formação Docente.

¹ Mestrado em Educação de Jovens e Adultos - Universidade do Estado da Bahia, atualmente Doutoranda do curso de Ciências da Educação - Universidade de Coimbra/PT. Professora de Ciências Biológicas.

² Doutora em Ciências da Educação pela Universidade de Coimbra - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, PT. Professora Auxiliar do Doutorado em Ciências da Educação - Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação - Universidade de Coimbra/PT.

ABSTRACT: Sex education is an essential component of human development. Although it is provided for in Brazilian public policies, its implementation in basic education is still limited, marked by weaknesses in teacher training and the predominance of biological approaches, especially in biology teaching. This study analyzes the contributions of collaborative practices among teachers to the integration of sociocultural perspectives in sex education, seeking to understand their effects on teacher professional development. This is a theoretical excerpt from an ongoing doctoral research project, based on a literature review of 12 studies published between 2020 and 2025. The selection included works that discuss sex education in biology teaching and formative experiences based on collaborative principles. The results indicate that teacher collaboration favors the expansion of professional knowledge and the construction of more dialogical, critical, and inclusive practices. However, institutional barriers, curricular limitations, and professional insecurities hinder the consolidation of these practices. There is also a scarcity of studies that systematically address collaboration among biology teachers in the treatment of sex education, highlighting weaknesses in the field. It is concluded that collaborative practices are a promising way to overcome reductionist approaches and promote a broader understanding of sex education, integrating biological, psychological, and sociocultural dimensions.

Keywords: Sex Education. Biology Teaching. Teacher Training.

RESUMEN: La educación sexual es un componente esencial de la formación humana. Aunque está prevista en las políticas públicas brasileñas, su implementación en la educación básica sigue siendo limitada, marcada por deficiencias en la formación docente y por el predominio de enfoques biologizantes, especialmente en la enseñanza de la biología. Este estudio analiza las contribuciones de las prácticas colaborativas entre docentes para la integración de perspectivas socioculturales en la educación sexual, buscando comprender sus efectos en el desarrollo profesional docente. Se trata de un recorte teórico de una investigación de doctorado en curso, basado en una revisión bibliográfica de 12 estudios publicados entre 2020 y 2025. La selección incluyó producciones que discuten la educación sexual en la enseñanza de la biología y experiencias formativas basadas en principios colaborativos. Los resultados indican que la colaboración docente favorece la ampliación de los conocimientos profesionales y la construcción de prácticas más dialógicas, críticas e inclusivas. Sin embargo, las barreras institucionales, las limitaciones curriculares y las inseguridades profesionales dificultan la consolidación de estas prácticas. Se observa, además, la escasez de estudios que aborden de manera sistemática la colaboración entre profesores de Biología en el tratamiento de la educación sexual, lo que pone de manifiesto las debilidades en este campo. Se concluye que las prácticas colaborativas constituyen una vía prometedora para superar los enfoques reduccionistas y promover una comprensión ampliada de la educación sexual, integrando dimensiones biológicas, psicológicas y socioculturales.

Palabras clave: Educación sexual. Enseñanza de la biología. Formación docente.

INTRODUÇÃO

A educação sexual configura dimensão essencial na formação integral dos estudantes, o que torna a temática primordial para implementação na Educação Básica, onde a escola

desempenha papel decisivo na construção de conhecimentos, valores e atitudes relacionados à saúde, aos direitos e à diversidade.

Entretanto, embora as políticas educacionais como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reconheça sua importância, a implementação da temática ocorre de forma desigual, permeada por tensões políticas, morais e institucionais. No ensino de Biologia, conteúdos como reprodução humana, gênero e prevenção de Infecção Sexualmente Transmissível (ISTs), apesar de seu potencial pedagógico, ainda são marcados por conflitos e resistências no cotidiano escolar. E quando inseridos a educação sexual, o ensino torna-se restrito a conteúdos biologizante.

Como problematizar discursos relativos a educação sexual tão enraizada e legitimados pela Biologia? Ressalta-se que muitos docentes relatam insegurança e falta de preparo, em razão de lacunas na formação inicial, fragilidades da BNCC, pressões institucionais, tensões com famílias e conflitos ideológicos. Como resultado, o ensino de Biologia frequentemente se restringe a aspectos anatômicos e fisiológicos, deixando de contemplar dimensões socioculturais e afetivas essenciais a uma abordagem emancipatória. Nesta dimensão se faz primordial a formação de professores para que a temática seja desenvolvida de maneira crítica e sociocultural, torna-se fundamental admitir que a própria biologia e a natureza são construídas pela cultura.

3

Neste cenário, a pesquisa colaborativa em contexto de sua aplicabilidade na prática escolar, surge como possibilidade promissora ao favorecer o diálogo entre pares, a reflexão sobre práticas e a construção coletiva de conhecimentos didáticos, promovendo maior autonomia docente e abordagens mais contextualizadas da sexualidade. No entanto, sua implementação enfrenta desafios, como falta de tempo, ausência de políticas de apoio, escassez de recursos e a presença de discursos moralizantes que dificultam discussões sensíveis em sala de aula.

Diante disso, este estudo tem como objetivo investigar, por meio de revisão bibliográfica, os efeitos de práticas colaborativas correlato a educação sexual no ensino de Biologia, identificando as possibilidades, limitações e contribuições para o desenvolvimento profissional docente. Busca-se compreender como a participação de professores em ações colaborativas pode estimular processos reflexivos da temática, fortalecendo sua formação e qualificando suas práticas.

Assim, analisamos a literatura que discute práticas colaborativas na formação docente, suas potencialidades e os obstáculos enfrentados. A escolha por esse enfoque fundamenta-se na necessidade de inovação pedagógica em contexto de transformações sociais e implementação sociocultural em torno da sexualidade.

Espera-se, com isso, oferecer subsídios teóricos e metodológicos que contribuam para o desenvolvimento profissional de professores de Biologia e para o fortalecimento de uma educação sexual crítica, inclusiva e comprometida com os direitos humanos.

MÉTODOS

Este estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, construída a partir da seleção de artigos e documentos, utilizando os seguintes descritores: *pesquisa colaborativa, desenvolvimento profissional docente e educação sexual no ensino de Biologia*. Para isso adotou-se uma abordagem qualitativa, adequada à compreensão de fenômenos complexos e marcados por dimensões subjetivas e socioculturais. Como afirmam Lüdke e André (1986), a pesquisa qualitativa privilegia a interpretação de significados, a flexibilidade e a compreensão contextual dos fenômenos, características coerentes com o objetivo deste estudo.

A pesquisa colaborativa foi selecionada como eixo teórico-metodológico por seu potencial em promover reflexão crítica e construção coletiva de saberes, conforme discutem Desgagné (2007) e Ibiapina (2016). Essa perspectiva estabelece relações horizontais entre pesquisadores e professores, integra teoria e prática, cria espaços dialógicos e valoriza a prática docente como lugar de produção de conhecimento. Considerando que a abordagem da educação sexual em Biologia envolve experiências, crenças e desafios formativos, esta metodologia favorece a compreensão desses condicionantes e a promoção de processos emancipatórios.

A obtenção dos dados seguiu os procedimentos de revisão bibliográfica, conforme Gil (2019), entendida como base conceitual que orienta a análise e permite identificar como determinado fenômeno tem sido estudado no campo científico. Assim, a investigação assume caráter teórico-analítico, buscando mapear e interpretar produções recentes (2020–2025) relacionadas aos seguintes eixos: (1) pesquisa colaborativa e desenvolvimento profissional docente na educação sexual; (2) desafios do trabalho colaborativo entre professores de Biologia para integrar dimensões socioculturais ao ensino da sexualidade.

Foram utilizadas as seguintes bases de ampla circulação nacional e internacional: SciELO; Google Acadêmico; ERIC; RedALyC; Portal da REnBio (SBEnBio). No **período analisado** foram incluídas publicações **entre 2020 a 2025**, selecionado por: representar a produção científica mais recente sobre a temática; refletir o impacto de políticas atuais (BNCC, reformas curriculares da licenciatura) e possibilitar observar tendências contemporâneas da formação docente.

Foram incluídos na revisão artigos que dimensionam:

- Publicações em periódicos científicos brasileiros;
- Abordagem explicitamente de **educação sexual** dialogada com o **ensino de Biologia** ou com a **formação de professores de Ciências/Biologia**;
- Apresentação de dados empíricos ou análises teóricas aplicáveis ao campo da formação docente;
- Elementos colaborativos (planejamento conjunto, co-docência, rodas de conversa, residência pedagógica, grupos de estudo etc.) **ou** contribuíssem para compreender o cenário que fundamenta tais práticas; Disponibilidade integral para leitura.

E neste contexto os critérios de exclusão, foram:

- Estudos que abordassem **a educação sexual** em áreas alheias ao ensino de Biologia;
- Textos que tratassem de sexualidade na educação, mas **sem relação com formação docente ou ensino de Ciências e Biologia**;
- Publicações duplicadas nas bases.

Após a aplicação dos critérios, 12 artigos foram selecionados como corpus central da revisão. Esses estudos contemplam a articulação entre Biologia, educação sexual e formação docente em perspectivas colaborativas, permitindo identificar tendências, lacunas e potencialidades da pesquisa na área. Embora outros trabalhos localizados fossem relevantes ao campo mais amplo, não atenderam aos critérios específicos e, portanto, não integraram o corpus analítico.

5

Conforme Lakatos e Marconi (2017), a revisão da literatura possibilita avaliar criticamente contribuições, identificar direções e lacunas e fundamentar o objeto de estudo. Nessa perspectiva, a pesquisa colaborativa é adotada não apenas como tema, mas como princípio orientador do estudo, evidenciando seu potencial para qualificar processos formativos e ampliar abordagens socioculturais da educação sexual no ensino de Biologia.

RESULTADOS

Os resultados desta revisão, composta por 12 artigos nacionais publicados entre 2020 e 2025, mostram que a produção sobre educação sexual no ensino de Biologia e formação docente ainda está em processo de consolidação. Embora haja interesse crescente pelo tema, predominam estudos voltados a diagnósticos, análises curriculares e percepções de licenciandos ou professores, com número reduzido de investigações empíricas aprofundadas. Nesse

contexto, o Quadro 1 sintetiza as características centrais dos estudos, revelando tendências, contribuições e lacunas relevantes.

Referência	Tipo de estudo	Participantes / Contexto	Principais efeitos formativos	Possibilidades apontadas	Limitações identificadas	Contribuições à educação sexual no ensino de Biologia
Corbagi & Bonzanini (2021)	Análise documental	Licenciandos em Ciências Biológicas	Explícita lacuna na formação inicial	Inclusão da sexualidade como eixo curricular	Ausência de práticas colaborativas	Fundamenta revisão curricular
Vitor, Maistro & Zômpero (2020)	Análise de PPCs	Cursos de Licenciatura em Biologia	Identifica ausência de componentes sobre sexualidade	Reestruturação dos currículos	Sem análise de práticas docentes	Reforça necessidade de formação inicial
Santos (2021)	Estudo qualitativo	Licenciandos de Biologia	Amplia compreensão crítica de gênero/sexualidade	Espaços coletivos de estudo	Participação restrita	Fortalece formação inicial crítica
Silva et al. (2024)	Estudo de caso em disciplina	Licenciandos da URCA	Ampliação teórica sobre educação sexual	Disciplinas curriculares específicas	Alcance limitado	Demonstra impacto da formação teórica estruturada
Morais, Guimarães & Menezes (2021)	Estudo qualitativo	Professores de Biologia do EM	Evidência visão biologicista predominante	Formação contínua como necessidade	Sem intervenção colaborativa	Diagnóstico das práticas docentes
Souza et al. (2022)	Relato de experiência	Professores e estudantes	Maior abertura ao diálogo; redução de inseguranças	Rodas de conversa como prática colaborativa	Atividade pontual	Propõe metodologias dialógicas
Orozco Marin (2025)	Ensaio analítico	Professores de Biologia	Amplia consciência política	Formação crítica para diversidade	Sem intervenção prática	Aprofunda dimensão política do ensino
Versiani, Mercês & Borba (2025)	Análise teórica	Professores e discursos públicos	Debate tensões ciência-religião	Abordagem interdisciplinar	Não analisa práticas	Reforça bases epistemológicas
Paiva et al. (2021)	Estudo qualitativo (RP)	Preceptores de Biologia	Reconhecimento de lacunas formativas	Residência como espaço colaborativo	Amostra pequena	Fundamenta formação colaborativa
Mendes, Soares & Coelho (2021)	Relato de experiência (RP)	Residentes de Biologia	Ampliação da abordagem crítica de sexualidade	Co-docência e planejamento conjunto	Falta acompanhamento prolongado	Demonstra impacto da colaboração
Carmo et al. (2021)	Pesquisa qualitativa com intervenção	Professores + residentes	Desenvolvimento profissional via co-docência	Construção colaborativa de SD	Contexto único	Evidencia potencial da pesquisa colaborativa

Santos & Maistro (2021)	Estudo qualitativo (especialização)	Professores em formação continuada	Reflexão crítica sobre práticas reais	Formação continuada como espaço colaborativo	Foco narrativo	Contribui para formação docente em serviço
-------------------------	-------------------------------------	------------------------------------	---------------------------------------	--	----------------	--

Fonte: Elaboração da autora (2025), com base em revisão bibliográfica nas bases SciELO, RedALyC, ERIC, Google Acadêmico e REnBio.

Salientamos que os trabalhos identificados, distribuem-se em três eixos principais: (1) análises da formação inicial em Ciências Biológicas, incluindo currículos, PPCs e disciplinas específicas; (2) investigações sobre percepções e práticas de professores de Biologia do ensino médio; e (3) experiências formativas com elementos colaborativos, especialmente em contextos como a residência pedagógica, rodas de conversa e cursos de formação continuada.

A partir da comparação direta com o Quadro 1, observa-se que **apenas três estudos** (Carmo et al., 2021; Mendes et al., 2021; Souza et al., 2022) descrevem intervenções com características mais claras de **colaboração estruturada**, como planejamento conjunto, co-docência, rodas de conversa e articulação universidade e escola. Os demais tratam de dimensões relevantes da formação docente, mas sem implementação de práticas colaborativas em sentido estrito.

O panorama identificado confirma a escassez de pesquisas colaborativas consolidadas na educação sexual no ensino de Biologia. Predominam iniciativas pontuais, análises teóricas e intervenções breves, o que dificulta acompanhar o desenvolvimento profissional docente. Entre as principais lacunas observadas estão: baixa ocorrência de pesquisas colaborativas estruturadas; distância entre teoria e prática; raridade de investigações de longo prazo; ausência de propostas curriculares robustas na formação inicial; frágil articulação entre universidade e escola; e pouca institucionalização de práticas colaborativas.

Apesar disso, os estudos analisados evidenciam efeitos formativos importantes, como a transição de abordagens biologicistas para socioculturais, maior segurança docente, reconhecimento de lacunas curriculares, fortalecimento de práticas dialógicas e aproximação entre universidade e escola, especialmente em experiências de residência pedagógica. Esses resultados demonstram o potencial da colaboração para promover desenvolvimento profissional em contextos reais de ensino.

As pesquisas também indicam caminhos promissores para investigações futuras: inclusão da sexualidade como eixo nos currículos de licenciatura, criação de disciplinas específicas, expansão do planejamento colaborativo e da co-docência, formação de comunidades

de prática entre professores e licenciandos e ampliação de metodologias dialógicas como rodas de conversa, narrativas e análise de casos.

A partir das tendências e lacunas identificadas, é necessário salientar perspectivas para pesquisas futuras do qual apresenta-se:

- Estruturar programas colaborativos contínuos envolvendo professores da educação básica, licenciandos e pesquisadores.
- Consolidar disciplinas e eixos curriculares sobre educação sexual nos cursos de Ciências Biológicas.
- Expandir práticas colaborativas, como grupos de estudo, co-docência, planejamento conjunto e análise de casos reais.
- Investigar processos formativos de longa duração, acompanhando mudanças nas práticas docentes.
- Criar comunidades de prática que articulem escola e universidade em torno da educação sexual.
- Desenvolver intervenções que integrem perspectivas biológicas e socioculturais, superando reducionismos.

De modo geral, os estudos convergem para uma mensagem inequívoca em que não basta ensinar conteúdos, mas é preciso construir coletivamente sentidos, posicionamentos e práticas. Neste sentido a pesquisa colaborativa não é apenas desejável, ela é estratégica, especialmente em um campo tão permeado por tensões sociais como a educação sexual no ensino de biologia.

FORMAÇÃO DOCENTE: A INTEGRAÇÃO DA EDUCAÇÃO SEXUAL NO ENSINO DE BIOLOGIA

Os estudos analisados evidenciam que a educação sexual, embora reconhecida como temática interseccional relevante para a formação integral, ainda é tratada de forma restrita nas práticas escolares. Conforme Oliveira et al. (2017), sua abordagem permanece permeada por tabus, mitos e concepções equivocadas, o que a torna um campo sensível e desafiador para docentes, inclusive no ensino de Biologia. Esse cenário reflete tanto tensões socioculturais quanto lacunas formativas, que limitam a consolidação de práticas pedagógicas sistematizadas.

Apesar dessas dificuldades, há consenso na literatura de que a educação sexual ocupa lugar crescente nas discussões acadêmicas, impulsionando a necessidade de abordagens dialógicas e culturalmente situadas. Santos (2020) destaca que a sexualidade deve ser entendida

como construção histórica e social, o que demanda práticas pedagógicas capazes de problematizar desigualdades e reconhecer diferentes modos de existir.

A perspectiva foucaultiana reforça essa compreensão ao situar a sexualidade como dispositivo histórico marcado por relações de poder Foucault (1979), enquanto Figueiró (2018) enfatiza seu caráter emancipatório ao promover inclusão e transformação social nas experiências dos adolescentes.

No contexto escolar, a educação sexual amplia a formação para além do cognitivo, integrando dimensões éticas, sociais e afetivas fundamentais ao desenvolvimento humano (CARVALHO, 2021). Quando articulada ao ensino de Biologia, a temática adquire caráter interdisciplinar ao relacionar conhecimentos biomédicos com discussões sobre normas sociais, identidades, direitos humanos e práticas de cuidado.

Documentos normativos brasileiros corroboram a relevância do tema, como os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Nacionais, que orientam sua transversalidade. A BNCC (BRASIL, 2018), embora reconheça elementos relacionados ao corpo e às relações interpessoais, mantém uma abordagem predominantemente biologicista, centrada na reprodução humana e pouco explícita quanto às dimensões socioculturais da sexualidade (OLIVEIRA et al., 2021). Para Zompero et al. (2018), tal ausência compromete o potencial orientador do documento e restringe o trabalho pedagógico dos professores.

9

Essa limitação curricular se articula a fatores institucionais e culturais que dificultam a efetivação da educação sexual. Resistências sociais, preconceitos e falta de formação específica contribuem para que a temática seja delegada quase exclusivamente ao professor de Biologia, dada sua aproximação com conteúdos relacionados ao corpo e à reprodução (ALTMANN, 2013).

Neste sentido, Figueiró (2018), pontua que pesquisas evidenciam que esses docentes frequentemente se sentem despreparados, enfrentam dilemas éticos e temem reações negativas da comunidade escolar). Assim, torna-se urgente problematizar discursos naturalizados que reduzem a sexualidade à dimensão biológica, como enfatiza Louro (2000), ao propor que a própria ideia de natureza é culturalmente construída.

A literatura aponta que a superação de abordagens informativas e biologicistas requer metodologias participativas que promovam diálogo, reflexão crítica e participação ativa dos estudantes. Ao estimular a construção compartilhada de sentidos, essas práticas assumem caráter emancipatório, conforme perspectiva freireana, permitindo que os sujeitos ressignifiquem suas experiências e se reconheçam como participantes ativos na produção do conhecimento (FREIRE, 2006).

Os estudos analisados também reforçam que uma abordagem crítica da sexualidade exige professores capazes de articular fundamentos científicos e sociais, reconhecendo a sala de aula como espaço dinâmico, permeado por conflitos e possibilidades. Contudo, essa atuação demanda formação docente robusta, uma vez que os saberes profissionais são construídos na interface entre formação inicial, experiência e contexto escolar, como assinala Tardif (2014). Considerar as trajetórias, crenças e inseguranças dos docentes é, portanto, fundamental para promover práticas educativas consistentes.

Nesse aspecto, a pesquisa colaborativa emerge como estratégia formativa com forte potencial de qualificação da educação sexual. Como argumentam Ibiapina (2008), a colaboração promove espaços de horizontalidade entre professores e pesquisadores, favorecendo reflexão crítica, desenvolvimento profissional e construção coletiva de saberes. Práticas colaborativas como grupos de estudo, investigação-ação e co-docência ampliam a autonomia docente, rompem com o isolamento pedagógico e fortalecem culturas escolares dialógicas e inclusivas (IMBERNÓN, 2011).

A perspectiva colaborativa favorece a superação de tabus, a problematização de práticas naturalizadas e a adoção de abordagens integrais e interdisciplinares da sexualidade, para além do enfoque biológico. Ao articular teoria e prática, fortalece a segurança docente no tratamento de temas sensíveis e sustenta práticas comprometidas com os direitos humanos e a diversidade.

10

Nesse sentido, a literatura indica que, apesar dos desafios persistentes, a pesquisa colaborativa constitui um caminho promissor para o fortalecimento da educação sexual no ensino de Biologia, ao promover o desenvolvimento profissional docente e a consolidação de práticas críticas, democráticas e voltadas à formação integral dos estudantes.

CONCLUSÕES FINAIS

A revisão de 12 estudos (2020–2025) delinea um panorama em que a educação sexual no ensino de Biologia avança, mas ainda carece de práticas colaborativas sistemáticas. Embora se observem abordagens socioculturais, metodologias dialógicas e aproximações entre universidade e escola, tais iniciativas são pontuais. Persistem lacunas como a baixa participação de professores em exercício, a ausência de acompanhamento longitudinal e a predominância de análises teóricas, reforçando a necessidade de processos formativos colaborativos e reflexivos. A continuidade de perspectivas biologicistas e moralizantes evidencia, a urgência de investigações que promovam uma compreensão crítica da sexualidade.

Portanto enfatiza-se que ampliar pesquisas colaborativas com professores da educação básica é essencial para consolidar práticas pedagógicas sensíveis à diversidade e fortalecer o desenvolvimento profissional docente. Espera-se que este estudo contribua para ampliar as possibilidades formativas no ensino da Biologia, apoiando professores no desenvolvimento da temática através de um trabalho colaborativo e dialógico. E que incentive novas investigações articulada a temática no ensino de Biologia na formação docente em práticas colaborativas.

Assim, será possível construir práticas escolares que, para além do conhecimento biológico, incluam também perspectivas sociais e psicológicas, tornando a abordagem mais completa, crítica e próxima da vivência dos estudantes.

REFERÊNCIAS

- ALTMANN H. Educação sexual e ensino de Ciências: desafios contemporâneos. *Cadernos Pagu*, 2013; 41: 7-34.
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: Ministério da Educação; 2018.
- CARMO GM, BASSOLI F, BASTOS F, FERRARI A. “Nenhum professor, em nenhuma matéria, nunca falou sobre educação sexual...”: gênero, sexualidade e educação na residência docente. *Ensino & Pesquisa*, 2021; 19(2): 113-129.
- CARVALHO HCM. Educação sexual na formação de professores: caminhos para a prevenção da violência sexual contra crianças e adolescentes. Dissertação (Mestrado em Educação) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Goiano, Urutaí, 2021; 138 p.
- CORBAGI ERCA, BONZANINI TK. A formação inicial do licenciando em Ciências Biológicas e o tema sexualidade. *REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio*, 2021; 14(1): 12-31.
- DESGAGNÉ S. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. *Educação em Questão*, 2007; 29(15): 7-31.
- FIGUEIRÓ MND. Educação sexual: professores não podem doutrinar. Pais e mães podem? In: FIGUEIRÓ MND. Educação sexual: saberes essenciais para quem educa. Curitiba: CRV; 2018; 243-258.
- FOUCAULT M. História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 1979; 152 p.
- FREIRE P. Pedagogia da autonomia. São Paulo: Paz e Terra; 2006; 144 p.
- GIL AC. Como elaborar projetos de pesquisa. 6. ed. São Paulo: Atlas; 2019; 200 p.
- IBIAPINA IMLM. Pesquisa colaborativa: investigação, formação e produção de conhecimentos. Brasília: Liber Livro; 2008; 136 p.

IBIAPINA IMLM, BANDEIRA HMM, ARAÚJO FAM (org.). Pesquisa colaborativa: multirreferenciais e práticas convergentes. Teresina: EDUFPI; 2016; 280 p.

IMBERNÓN F. Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez; 2011; 144 p.

LAKATOS EM, MARCONI MA. Fundamentos de metodologia científica. 8. ed. São Paulo: Atlas; 2017; 368 p.

LOURO GL. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO GL (org.). O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica; 2000; 7-34.

LÜDKE M, ANDRÉ MEDA. Pesquisa em educação: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU; 1986; 99 p.

MENDES M, SOARES ZMP, COELHO LJ. Educação em sexualidade e gênero na Licenciatura em Ciências Biológicas: relatando uma experiência do Programa de Residência Pedagógica. Ensino & Pesquisa, 2021; 19(2): 130-151.

MORAIS NAA, GUIMARÃES ZFS, MENEZES JPC. Educação sexual: as percepções dos professores de Biologia do ensino médio. REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, 2021; 14(1): 135-156.

OLIVEIRA JL, SANTANA CG, PINHO MJS. Ensino de Biologia e educação em sexualidade. Revista Multidisciplinar do Núcleo de Pesquisa e Extensão, 2021; 1(1): e202108.

OLIVEIRA LTS, SANTANA R, SCHUNEMANN HES. Percepção dos docentes do Ensino Médio referente à educação sexual na escola. Revista Internacional de Formação de Professores, 2017; 2(2): 121-135.

OROZCO MARIN YA. Questões de diversidade sexual e de gênero na formação política do(a) professor(a) de Biologia. Diversidade e Educação, 2025; 12(2): 240-265.

PAIVA EHS, et al. Residência pedagógica: percepção das preceptoras acerca da educação em sexualidade e gênero. REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, 2021; 14(1): 76-96.

SANTOS AEC, MAISTRO VIA. Gênero e sexualidades em foco: discussões de discentes da especialização em Ensino de Biologia na prática docente. Contexto & Educação, 2021; 36(115): 60-77.

SANTOS EVL. A educação sexual como ferramenta de combate à objetificação da mulher negra. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, UNESP, 2020; 180 p.

SANTOS RAP. Gênero e sexualidade como componentes curriculares na formação inicial de professoras de Ciências e Biologia do Rio de Janeiro. REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, 2021; 14(1): 32-54.

SILVA RM, et al. A disciplina Educação Sexual no currículo da Licenciatura em Ciências Biológicas da URCA. REnBio – Revista de Ensino de Biologia da SBEnBio, 2024; 17(2): 895-919.

SOUZA VGP, et al. Sexualidade no ensino de Biologia: uma abordagem didática na roda de conversa. *Experiências em Ensino de Ciências*, 2022; 17(1): 295-312.

TARDIF M. Saberes docentes e formação profissional. 17. ed. Petrópolis: Vozes; 2014; 325 p.

VERSIANI M, MERCÊS J, BORBA RCN. Educação sexual e ensino de Biologia: debates entre ciência, religião e Estado. *Revista Triângulo*, 2025; 18(esp.1): e025027.

VITOR MA, MAISTRO VIA, ZÔMPERO AF. Educação para a sexualidade e formação inicial docente. *Investigações em Ensino de Ciências*, 2020; 25(1): 282-305.

ZOMPERO AF, et al. A temática sexualidade nas propostas curriculares no Brasil. *Revista Ciências & Ideias*, 2018; 9(1): 101-114.